

UMA EXPLORAÇÃO DA APRENDIZIBILIDADE
DA CONSTRUÇÃO RESULTATIVA DO INGLÊS POR BILÍNGUES
DO PAR LINGUÍSTICO PORTUGUÊS DO BRASIL E INGLÊS

Cândido Samuel Fonseca de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais

Ricardo Augusto de Souza
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Investigações de questões relacionadas à aquisição de estrutura argumental cada vez mais trazem revelações não triviais para o entendimento do funcionamento da mente bilíngue. Este artigo relata os resultados de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade que demonstrou o comportamento de bilíngues do português do Brasil e inglês com alta proficiência frente à construção resultativa. Os resultados desta pesquisa sugerem que tais bilíngues são capazes de aprender essa construção e de apresentar sensibilidade significativa às idiosincrasias da seleção adjetival presentes na mesma. O estudo ora descrito, assim, corrobora a ideia de que o grau de aprendizibilidade de uma construção pode estar ligado ao tipo de relação da L1 e da L2 envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição de L2. Julgamento de aceitabilidade. Construção resultativa.

ABSTRACT: Investigations on the topic of argument structure acquisition have been resulting in important discoveries concerning the understanding of how bilinguals minds work. The present article reports the results of an acceptability judgment task that demonstrated the behavior of high proficient Brazilian Portuguese and English bilinguals when dealing with the resultative constructions. The results of this research showed that these bilinguals are capable of learning this construction and of being sensitive to its idiosyncrasies. Thus, this study corroborates the idea that the learnability of a construction may be related to the L1 and L2 involved.

KEYWORDS: L2 acquisition. Acceptability judgement. Resultative construction.

Introdução.

Os fatores que influenciam a aquisição de uma segunda língua vem há muito tempo sendo tópico de debates. Muitos acreditam que a aquisição de L2 é dependente da idade e do contexto onde a mesma é aprendida. A hipótese do período crítico (WHITE, 2003), por exemplo, sugere que o ser humano está biologicamente apto a aprender uma L2 durante a sua infância e que após esse período a aprendizagem se torna progressivamente mais árdua. No entanto, há evidências crescentes de que o aprendizado tardio e fora do contexto de dominância de L2 pode ser bem sucedido. Tais evidências surgem inclusive em estudos neurolinguísticos de bilíngues que examinam o grau de integração do processamento linguístico por bilíngues. Estes estudos vêm demonstrando que a ativação das mesmas áreas cerebrais no processamento, tanto da L1 quanto da L2, é afetada mais prevalentemente por efeitos de grau de proficiência do que da idade do início da aquisição da língua não materna (SEBASTIAN et al., 2011).

O presente artigo visa a contribuir para o estudo empírico do desenvolvimento de representações mentais sobre a L2 por falantes bilíngues. O estudo ora relatado tem por foco usuários de L2 cuja aprendizagem da língua não-materna transcorre em contextos onde ela não é usada como língua dominante. Especificamente, visamos ao teste de uma hipótese de aprendizagem derivada de previsões fornecidas por um construto teórico que propõe que a aquisição de estruturas gramaticais de uma L2 que ampliam possibilidades de mapeamento forma-significado da L1 acarreta alta propensão à aprendizagem.

Como argumentado por Souza (2010), as pesquisas sobre a representação de L2 na mente de um bilíngue podem encerrar o potencial para trazer grandes contribuições ao entendimento do funcionamento da interlíngua. Uma das áreas frutíferas como fonte de informações preciosas sobre a representação de L2 é aquisição de estrutura argumental (JACKENDOFF & GOLDBERG, 2004; SOUZA & MELLO, 2007; SOUZA 2011), uma vez que a realização de estrutura argumental pode apresentar grande variabilidade translinguística, portanto podendo impor-se ao aprendiz de L2 como um problema de aprendizagem. Uma construção da língua inglesa que opera um mapeamento entre o predicador e seu argumento incomum na língua portuguesa é o alvo do estudo aqui relatado, que teve como participantes falantes bilíngues do par linguístico português do Brasil e inglês.

O presente estudo será apresentado em oito sessões. Na seção 2, abordaremos o tema estrutura argumental e sua relevância para estudos de aquisição de segunda língua. Na seção 3, haverá uma descrição da construção alvo deste

estudo, a construção resultativa, e as razões às quais se devem tal escolha. Na seção 4, será apresentada a teoria que levanta a suspeita de que bilíngües do par linguístico PB e inglês têm alta propensão a aprendizagem da construção resultativa. Na seção 5, os materiais e métodos da pesquisa serão apresentados. Na seção 6, os resultados do experimento serão analisados e discutidos. Na seção 7, conclui-se o estudo apontado sua relevância e sugerindo estudos futuros.

2- Estrutura argumental.

Entende-se por estrutura argumental a propriedade de predicadores de subcategorizar um ou mais sintagmas para realizar completamente suas propriedades semânticas. O verbo “andar”, por exemplo, no nível semântico requer apenas um agente como argumento externo, que é realizado como um DP – “O bebê anda”. Já o verbo “enviar” precisa de um DP para realizar o argumento externo agente, um DP para realizar o argumento interno tema e um PP para realizar o argumento interno beneficiário – “João enviou a carta a Pedro”. A estrutura argumental, no entanto, é um domínio de estrutura linguística passível de variações translinguísticas (SOUZA E MELLO, 2007). As traduções do inglês correspondentes para “andar” e “enviar”, “walk” e “send” respectivamente, por exemplo, podem aparecer em contextos como “the girl walked her dog to the park” e “John sent Mary a present”. Uma das possíveis explicações para essa diferença entre PB e inglês pode estar no fato de que a estrutura argumental da frase pode estar relacionada não apenas com o verbo, mas também com a construção envolvida (GOLDBERG, 1995; GOLDBERG E JACKENDOFF, 2004; SOUZA & MELLO, 2007).

A seleção dos argumentos envolve tanto semântica lexical quanto semântica construcional (GOLDBERG, 1995). Assim, não se assume que o verbo muda o seu significado para licenciar os argumentos que não estão presentes no seu uso comum. Diferentemente, assume-se que construções também funcionam como itens lexicais independentes e, assim, os verbos não são os únicos envolvidos na seleção argumental de uma sentença (JACKENDOFF & GOLDBERG, 2004). Em “the girl walked her dog to the park”, por exemplo, os dois argumentos internos preenchem a estrutura argumental da construção alternância de movimento induzido (Subj V Obj Obj), cuja semântica é “X causa Y mover-se para Z”. Já em “John sent Mary a present”, os argumentos estão posicionados de acordo com a estrutura argumental da construção ditransitiva (Subj V Obj Obj), cuja semântica é “X causa Y receber Z”. Essas diferenças translinguísticas são interessantes para os estudos psicolinguísticos de aqui-

sição de segunda língua devido ao fato que elas podem, de forma sutil, afetar decisões de parseamento e, conseqüentemente, o desempenho em compreensão e julgamentos (JUFFS, 1998).

Essas diferenças de estrutura argumental entre português e inglês podem resultar em dois processos distintos por aprendizes de L2: transferência linguística (SELINKER, 1972; JUFFS, 1998; FERNANDEZ 1999; PAVLENKO & JARVIS, 2002; SOUZA & MELLO, 2007) e generalização de regras (SELINKER, 1972). A transferência se refere ao fato de que estratégias peculiares a L1 podem ser empregadas por aprendizes quando estes lidam com a L2 e, por isso, o processamento linguístico de falantes não nativos pode se diferir do processamento de falantes nativos. Souza (2001) e Guimarães (2012), por exemplo, demonstraram que bilíngues do par linguístico PB-inglês com baixa proficiência apresentam baixa aceitabilidade para sentenças que instanciam a construção alternância de movimento induzido e, além disso, Zara (2009) demonstra que o mesmo ocorre com construções ditransitivas. Isso provavelmente se deve ao fato de estratégias peculiares de L1 foram utilizadas no processamento de L2, fato que traz conseqüências importantes em relação à possibilidade do aprendiz internalizar a gramática de L2 de uma forma paralela à maneira que uma criança adquire L1 (FERNANDEZ, 1999). A generalização, ou supergeneralização, das regras da gramática de L2 se refere à extensão das regras de L2 a contextos onde elas não ocorrem. Zara (2009), por exemplo, demonstra que bilíngues do par linguístico PB e inglês com alta proficiência tendem a aceitar que alguns verbos (*explain*, *report* e *shout*) que não interagem com a construção ditransitiva sejam utilizados em tal construção. Há evidências, portanto, de que tanto a transferência linguística quanto a generalização de regras podem ocorrer na aquisição da estrutura argumental de uma construção comum a L2, mas não a L1.

Neste estudo, estudar-se-á a representação das construções resultativas (GOLDBERG & JACKENDOFF, 2004) por falantes do par linguístico PB-inglês. Devido às diversas idiossincrasias que, como será ilustrado abaixo, permeiam essa construção, este estudo se limitará a analisar o grau de transferência linguística e supergeneralização de regras apenas de bilíngues com alta proficiência. A construção resultativa foi selecionada como alvo deste trabalho devido a sua alta frequência e variabilidade em inglês (GOLDBERG & JACKENDOFF, 2004; WECHSLER, 2001) em comparação com a presença da mesma construção em PB (LOBATO, 2004). Na seção seguinte, descreveremos a construção resultativa.

3. Construção resultativa.

Observemos uma sequência sentencial composta pela sucessão de um sintagma nominal, um verbo transitivo, um segundo sintagma nominal e um sintagma adjetival, ou seja, uma sequência do tipo SN-V-SN-SAdj. Um exemplar desta sequência segue abaixo.

1- *O cabelereiro penteou o cabelo esticado.*

Na língua portuguesa, o sintagma adjetival da sentença 1 é tipicamente interpretado como um modificador ou do primeiro sintagma nominal, ou do segundo. Ou seja, a sentença permite a leitura de que ou o cabelo encontrava-se esticado, ou o cabelereiro assim estava. À despeito da possível ambiguidade, a única leitura possível é a modificação de um dos argumentos do verbo. Trata-se de um tipo de construção que, por esta característica, é denominada descritiva.

Comparemos este estado de coisas com a sequência abaixo, que instacia uma sucessão de sintagmas idêntica, porém em língua inglesa.

2- *The hairdresser combed the hair straight (o cabelereiro pentenou o cabelo liso/reto).*

Similarmente a como descrito em Pylkkänen e McElree (2006), a sentença 2 acarreta duas possibilidades de leitura bastante distintas no inglês. A primeira delas denota que a entidade referida pelo segundo sintagma nominal (*the hair* – o cabelo) adquiriu nova propriedade (*straight* – liso) como resultado da ação denotada pelo verbo. Trata-se de uma construção que, com esta leitura, é denominada resultativa. Alternativamente, o inglês permite a leitura de que a entidade referida pelo primeiro sintagma nominal (*the hairdresser* – o cabelereiro) encontrava-se em determinada posição (*straight* – reto ou ereto). Tal como no português, com essa leitura a construção é denominada descritiva¹.

De acordo com Goldberg e Jackendoff (2004), expressões resultativas em inglês vêm sendo um dos principais focos nas pesquisas relacionadas à interface entre sintaxe e semântica. No entanto, tais estudos são em sua maior parte relacionados apenas à L1. Como será descrito a seguir, a construção resultativa apresenta ricos aspectos sintáticos e semânticos que podem servir como fonte

1 Note-se que a leitura descritiva no inglês não é tipicamente ambígua, ou seja, quando compreendido como modificador, o SAdj liga-se normalmente ao primeiro SN apenas.

robusta para estudos sobre bilinguismo.

Nesse tipo de construção há dois subeventos. O verbo da frase determina um subevento, enquanto a construção resultativa como um todo determina o outro. Para que ambos subeventos ocorram em harmonia, é necessário que todos os argumentos licenciados pelos verbos e todos os argumentos licenciados pela construção sejam realizados simultaneamente na sintaxe, compartilhando as posições sintáticas necessárias. Na frase “Bill watered the tulips flat” (Bill molhou as tulipas planas), por exemplo, temos o subevento determinado pela construção, que seria “Bill cause [tulips become flat]” (Bill causa[tulipas tornar-se planas]), onde “Bill” ocupa a posição de sujeito e flat uma das posições de argumento interno; e tal subevento ocorre por meio do segundo subevento “Bill water tulips” (Bill molha tulipas), cujo sujeito coincide com o sujeito do primeiro subevento e, por isso, a posição de sujeito é compartilhada. Já o DP “tulips” ocupa a outra posição de argumento interno. Dessa forma, todos os papéis temáticos são realizados harmoniosamente. A frase acima instancia a chamada resultativa de propriedade causativa, na qual há um agente em comum para os dois sub-eventos – “Bill”; e o resultado do sub-evento é uma propriedade – “flat”. Há também resultativas de propriedade não causativa (*The pond froze solid* – O lago congelou sólido), resultativas de caminho causativas (*Bill rolled the ball down the hill* – Bill rolou a bola morro abaixo), e resultativas de caminho não causativas (*the ball rolled down the hill* – A bola rolou morro abaixo). Percebe-se, assim, a necessidade de se considerar as resultativas uma família de subconstruções que apresentam similaridades semânticas. As resultativas de propriedade causativa serão as frases alvos deste estudo.

Bem como a semântica, a sintaxe das construções também apresenta alta diversificação. Resultativas são comumente classificadas na literatura como construções nas quais se indica o estado de um sintagma nominal decorrente de uma ação verbal (LOBATO, 2004) e cuja estrutura sintática mais comum é V NP AP. Contudo, vários autores apontam para o fato de que apenas essa definição não é suficiente para descrever tal construção, devido ao fato de haver diferenças semânticas, bem como estruturais, entre as construções resultativas. “*Bill watered the tulips flat*” (Bill molhou as tulipas planas) e “*Bill broke the bathtub into pieces*” (Bill quebrou a banheira em pedaços), por exemplo, são construções resultativas cujo verbo é transitivo e seleciona o seu argumento interno (resultativa transitiva selecionada). As duas frases se diferem quanto à categoria do último argumento da construção que se refere ao resultado da mudança ocorrida com o DP decorrente da ação verbal. Na primeira, esse argumento é realizado como o AP “flat” e na segunda como o PP “into pieces”.

Já “*they drank the pub dry*” (Eles beberam o bar seco) e “*the professor talked us into a stupor*” (O professor conversou a gente a um estupor) ilustram resultativas transitivas que não selecionam o seu argumento interno (resultativa transitiva não-selecionada). Enquanto na primeira o argumento referente à mudança é realizado como AP “*dry*” na segunda o mesmo argumento é o PP “*into a stupor*”. Além desses exemplos, Jackendoff and Goldberg citam a resultativa transitiva com argumento implícito (*Bill drank from the hose* – Bill bebeu da mangueira); resultativa intransitiva com AP (*the pond froze solid* – O lago congelou sólido) e com PP (*he rolled out of the room* – ele rolou fora do quarto); e resultativa transitiva reflexiva falsa (*we yelled ourselves hoarse* – Nós gritamos nós mesmos roucos). Portanto, a definição das resultativas como uma construção que tem apenas um padrão sintático parece inadequada devido a grande variabilidade de estruturas possíveis como foi ilustrado acima com alguns dos exemplos possíveis em inglês. Neste estudo as sentenças alvos instanciaram a subconstrução resultativa transitiva selecionada.

Wechsler (2001) demonstra que não é qualquer adjetivo que pode compor uma construção resultativa (WESCLER, 2001) como se pode notar nos seguintes exemplos: *He wiped the table dry/clean/*wet/*dirty* e *He shot the dog dead/*wounded* (Ele esfregou a mesa seca/limpa/*molhada/*suja e Ele atirou o cachorro morto/*machucado.). De acordo com o autor a telicidade é uma das características das construções resultativas. Frases com verbos durativos, tais como “*he wiped the table*” (ele esfregou a mesa), por exemplo, não são télicas, contudo se a essas frases são adicionados adjetivos como “*dry*” (seco) ou “*clean*” (limpo) elas passam a apresentar telicidade. Wechsler explica que um evento télico necessita apresentar três aspectos: um tema que sofre mudança, uma propriedade escalar e um limite. Assim, no exemplo acima a telicidade da frase poderia ser explicada porque temos uma propriedade escalar (*dryness* ou *cleanness* – *secura* ou *limpeza*) do tema que sofre mudança (*table* – mesa) que é transformado devido a uma ação que é descrita pelo verbo (*wipe* – esfregar) até que o limite (*dry* ou *clean* – *seco* ou *limpo*) seja alcançado. Ambos adjetivos “*dry*” e “*clean*” são adjetivos escalares de ponto máximo, i.e., eles são pontos máximo de suas respectivas escalas (“*dryness*” e “*cleanness*”), i.e., “*dry*” caracteriza algo que tem 0% de líquido, da mesma forma “*clean*” caracteriza algo que tem 0% de sujeira. Obviamente na vida cotidiana a restrição para o uso desses adjetivos não é tão forte. Mas o fato de estes adjetivos serem o ponto máximo de uma escala é o que permite que um limite e, conseqüentemente, a telicidade sejam criados em construções resultativas. “*Wet*” e “*dirty*”, ao contrário, são adjetivos de ponto mínimo já que qualquer presença de água ou

sujeira, respectivamente, seria suficiente para caracterizar algo com esses adjetivos. Dessa forma, esses adjetivos não formam o limite necessário para criar telicidade, que é essencial para a gramaticalidade de uma construção resultativa. Diferentemente, verbos pontuais, tais como “*shoot*”(atirar), apenas podem ser combinados com adjetivos que não fazem parte de uma escala como, por exemplo, *dead* (morto), *triangular* (triangular) e *sold* (vendido). Ou seja, em construções resultativas verbos pontuais podem ser combinados apenas com adjetivos não escalares. Por isso, a frase com verbo pontual e adjetivo escalar “*He shot the dog wounded*” (Ele atirou no cachorro machucado) é agramatical ao passo que a frase com verbo pontual e adjetivo não escalar “*He shot the dog dead*” (Ele atirou no cachorro morto) é gramatical. Em suma, o predicado resultativo precisa ser um adjetivo escalar com ponto final máximo quando o verbo da sentença for durativo; ou o predicado resultativo pode ser um adjetivo não escalar caso o verbo da sentença seja pontual.

A seguir, explicitaremos como as sutilezas da configuração linguística da construção resultativa do inglês fornecem um conjunto de fatos articuláveis a uma teoria de aprendizibilidade que leva em consideração aspectos de divergências tipológicas entre línguas: a teoria da relação conjunto-subconjunto entre línguas.

4. O problema da aprendizibilidade na relação conjunto-subconjunto entre línguas.

A observação do processo de aquisição de estruturas linguísticas específicas, seja por crianças pequenas que aprendem sua primeira língua ou por aprendizes de L2 em diversas etapas de seu desenvolvimento cognitivo, revela discrepâncias nas lacunas temporais nas quais transcorrerá a maturação desta aprendizagem (ELLIS, 2008). Em outras palavras, há construções cuja aprendizagem é mais custosa e demorada. O fato de que a aquisição de construções relativamente simples de um ponto de vista estritamente descritivo podem seguir longas sequências ou etapas desenvolvimentais, como é o caso da configuração de negativas por suporte de auxiliares na língua inglesa (BRAIDI, 1999). Essas construções revelam-nos a possibilidade da dificuldade de aprendizibilidade. A discrepância entre a simplicidade em termos descritivos de uma construção e seu potencial de altos custos para a aprendizagem, por sua vez, nos aponta para a dimensão prevalentemente psicolinguística e não unicamente linguística dos processos de aquisição de linguagem. Não obstante, a variabilidade translínguística tem por certo um papel significativo na aprendizagem de L2.

Nos estudos de aquisição de segunda língua, um quadro teórico que busca

capturar o interjogo de processos cognitivos e traços de tipologia linguística é a proposta de que os problemas de aprendizibilidade de construções e estruturas específicas podem ser previstos à luz da abrangência das estruturas disponíveis na língua de partida (L1) e na língua-alvo (L2) (MONTRUL, 2001). Denominaremos tal proposta de relação conjunto-subconjunto entre línguas. Segundo tal quadro, em circunstâncias nas quais o aprendiz parte de uma dada língua X (Lx) como língua materna onde há uma restrição gramatical não existente na língua Y (Ly), que é sua língua-alvo, então este aprendiz sai de uma situação em que sua L1 encontra-se como subconjunto da L2.

Um exemplo desta situação é o contraste do inglês com o português em relação à possibilidade de não realização fonética do sujeito sintático das orações, o que é tratado na literatura como “parâmetro PRO-drop” (WHITE, 2003). Obviamente, o português permite opcionalidade entre a realização fonética do sujeito sintático em uma oração como “Eu cheguei a tempo para a palestra”, que pode ser enunciada como “Cheguei a tempo para a palestra”. Contrariamente, o inglês não permite tal opcionalidade de realização fonética do sujeito sintático, sendo a oração equivalente apenas possível como “I arrived in time for the lecture”, não **“Arrived in time for the lecture”*. No tocante ao parâmetro PRO-drop, a língua inglesa é subconjunto da língua portuguesa, pois na língua inglesa apenas uma das possibilidades estruturais da língua portuguesa é licenciada. Em outras palavras, quanto ao parâmetro PRO-drop, a língua portuguesa tem uma gramática mais ampla do que a língua inglesa, sendo assim a língua portuguesa o conjunto do qual a língua inglesa é um subconjunto.

As previsões especificamente acerca da aprendizibilidade feitas no modelo da relação subconjunto-conjunto entre línguas são de que a aquisição de uma construção de uma língua-alvo em situação de conjunto é mais plausível do que a aprendizagem de uma estrutura de uma língua em situação de subconjunto. A razão é que para o aprendiz cuja L1 encontra-se como subconjunto da L2, será suficiente a experiência com dados primários da língua alvo que instanciam tal estrutura, ou seja, será suficiente que este aprendiz tenha evidência direta da existência da construção na L2 (ELLIS, 2008; WHITE, 2003). Por outro lado, o aprendiz cuja L1 encontra-se como conjunto da L2 terá que contar com evidência indireta, tal como instrução explícita ou correções de erros cometidos no uso da L2, pois os dados primários não serão suficientes para que este aprendiz aprenda que a possibilidade estrutural de sua L1 não é licenciada na L2. Esta previsão é graficamente representada na Fig. 1, abaixo, onde a situação de ampliação da gramática de uma Lx que encontra-se como subconjunto de uma Ly é ilustrada como uma seta direta, aludindo à suficiência

da experiência com os dados do input daquela língua. Por outro lado, na Fig. 1 a restrição da representação gramatical da Ly para a representação gramatical Lx é ilustrada como uma seta sinuosa, aludindo à insuficiência dos dados do input que é prevista pelo modelo.

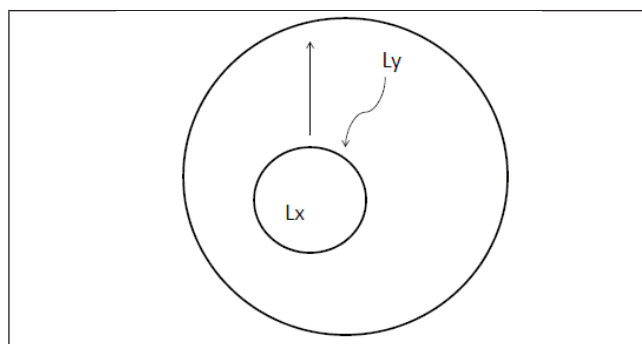


Figura 1: Diagrama da relação conjunto-subconjunto entre línguas

Do quadro da relação conjunto-subconjunto entre línguas, que articula questões de variabilidade translinguística com os processos psicolinguísticos subjacentes à aprendizagem de uma L2, advém previsões específicas sobre a aprendizagem da configuração do parâmetro PRO-drop no português e no inglês por aprendizes de L2 que tenham uma dessas línguas por língua materna. Por este modelo, ao aprendiz do português como L2 falante do inglês como L1 bastará o acúmulo de experiências como usuário da L2 para que ele aprenda a opcionalidade de realização fonética do sujeito sintático das orações. O aprendiz do inglês como L2 falante do português como L1, por outro lado, passará por um processo mais sinuoso de aprendizagem de que a ausência de realização fonética do sujeito sintático de orações é ilícita na língua alvo, possivelmente necessitando de correções de erros que poderão ser cometidos, ou até mesmo de instrução explícita sobre este aspecto do funcionamento da língua-alvo.

Propomos aqui que a construção SN-V-SN-SAdj, que dá suporte à leitura resultativa no inglês, coloca esta língua parcialmente como conjunto em relação à língua portuguesa, que por sua vez encontra-se como subconjunto. Como discutido anteriormente, na língua portuguesa esta base formal vincula-se com expressiva prevalência à representação de significado na qual o sintagma adjetival é modificador do objeto, sendo tal modificação direta, o que aqui entendemos como um não acarretamento necessário da ação representada pelo verbo. Por outro lado, na língua inglesa a mesma base formal permite vínculos a no mínimo duas representações de significado, sendo apenas uma delas a de

modificação direta de um dos argumentos do verbo da oração.

Para explorar empiricamente o modelo da relação subconjunto-conjunto entre línguas para a construção resultativa do inglês como L2 de falantes do português do Brasil como L1, desenhamos um estudo quase-experimental baseado em tarefa de julgamento de aceitabilidade, no qual expomos bilíngues do par linguístico português do Brasil-inglês a dois conjuntos de estímulos. O primeiro conjunto foi formado por sentenças resultativas que a teoria gramatical acima revista prevê como engendrando gramaticalidade, portanto sentenças lícitas no inglês. O segundo foi formado por sentenças previstas como engendrando agramaticalidade, portanto ilícitas no inglês. A hipótese advinda do modelo da relação subconjunto-conjunto entre línguas por nós testada é de que bilíngues proficientes na L2 aprenderiam a construção resultativa, sendo que um nível pleno de tal aprendizagem seria indiciado por sua capacidade de distinguir instâncias lícitas e instâncias ilícitas da estrutura aqui investigada.

Passamos a seguir à descrição de nosso procedimento experimental.

5. Materiais e métodos.

Tal como mencionado acima, a tarefa experimental empregada neste estudo foi o julgamento de aceitabilidade. A obtenção de medidas sobre a aceitação de construções linguísticas por falantes são essenciais para as pesquisas nos estudos da linguagem, pois permitem uma avaliação da percepção sobre estas construções. Trata-se de um procedimento experimental de eliciação de respostas a estímulos verbais que, por não depender da observação de ocorrências espontâneas de estruturas potencialmente sinônimas de outras alternativas, representa no mínimo uma forma prática de verificação da existência de representações mentais de aspectos da gramática.

Para a coleta dos dados no experimento ora descrito foi utilizado um dos métodos mais comuns na coleta de dados de julgamentos de gramaticalidade: a escala Likert (Figura 1, abaixo). Esta é uma escala psicométrica que pode ser utilizada para se medir o nível de aceitabilidade de um indivíduo em relação a uma construção. Ela pode ser constituída de vários pontos sendo as escalas de cinco e sete pontos as mais comuns. Cada ponto se refere ao grau de aceitabilidade do indivíduo em relação ao item apresentado. Assim, o valor mínimo da escala corresponderia à rejeição total de um item e o valor máximo à aceitação total. O valor intermediário demonstraria uma posição neutra em relação ao item. Já os outros valores situados entre as extremidades e ponto médio seriam julgamentos de rejeição ou aceitação parcial do item



Figura 2. Escala Likert de 7 pontos.

Participantes:

No total, 25 sujeitos compuseram o grupo de participantes deste estudo. Todos eles eram maiores de idade e estudantes de disciplinas de língua inglesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Assim, tratavam-se em sua maioria de bilíngues cujas trajetórias de aprendizagem da língua inglesa tiveram etapas transcorridas em contexto de instrução formal dentro de uma sociedade que não tem a língua inglesa como língua prevalente para interações sociais.

Somente formaram o grupo de participantes efetivos do estudo os estudantes avaliados com escores próximos ao máximo em um teste de conhecimento de vocabulário em inglês – o *Vocabulary Levels Test*, ou VLT (NATION, 1990). Neste teste, os participantes realizam uma atividade de ligação de palavras com seus respectivos significados. Na estratégia de aplicação do teste por nós empregada neste estudo, os respondentes tiveram um tempo máximo de dez minutos para a realização do teste, procedimento adotado com vistas a aumentar efeito discriminatório do instrumento do VLT. O teste classifica os sujeitos em cinco níveis, ou bandas, conforme seu acesso a itens lexicais de progressivamente menor frequência na língua inglesa. Foram incluídos como participantes efetivos do estudo os respondentes classificados entre os níveis 4 e 5 do VLT. O pressuposto subjacente a este critério de triagem é que altos níveis de competência no acesso lexical em uma L2 associam-se a altos níveis de proficiência nesta língua.

Procedimentos:

Os procedimentos experimentais foram realizados em grupos em salas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Após apresentar-se, obter o consentimento de participação no estudo e aplicar o VLT, o experimentador explicava o funcionamento da tarefa de julgamento de aceitabilidade e aplicava uma sessão de treinamento. Para cada estímulo havia uma escala Likert de 7 pontos (como a ilustrada acima) que deveria ser marcada com um X no espaço correspondente ao julgamento do indivíduo. Após essa fase, os participantes tiravam suas dúvidas finais o teste de julgamento de

gramaticalidade era, então, iniciado e tinha duração de aproximadamente oito minutos. Com o objetivo de que o julgamento dos participantes correspondesse a primeira impressão dos mesmos em relação as sentenças, cada estímulo ficava disponível por apenas nove segundos e, logo em seguida, um novo estímulo era apresentado com o mesmo tempo de duração. Dessa forma, acredita-se que os participantes não teriam tempo suficiente para fazer uso de conhecimentos metalinguísticos. Os participantes foram instruídos a não atribuir notas de julgamento a um item cujos 9 segundo duração tenham se expirado. Portanto, cada sessão tinha duração de aproximadamente 25 minutos.

Os informantes foram expostos a 16 sentenças que instanciavam a construção resultativa causativa de propriedade transitiva selecionada. Oito dessas frases eram gramaticais e outras oito eram agramáticas devido à presença de um adjetivo não licenciado de acordo com as regras propostas por Wechsler (2001).

Os estímulos que instanciavam as resultativas gramaticais, seguidos de glossas em língua portuguesa e de orações nesta língua semanticamente equivalentes, foram os seguintes:

The driver loaded his car full.
 DET motorista carregar(PASS) POSS carro cheio
O motorista carregou seu carro até deixa-lo cheio.

The mechanic sprayed his car black.
 DET mecânico borrifar(PASS) POSS carro preto
O mecânico borrifou o seu carro até deixa-lo preto.

The fighter hit his opponent senseless.
 DET lutador golpear(PASS) POSS oponente desacordado
O lutador golpeou o seu oponente que, conseqüentemente, ficou desacordado.

The teacher shut the door closed.
 DET professor fechar(PASS) DET porta fechada
O professor fechou porta que, conseqüentemente, ficou fechada.

The lady cut the package open.
 DET dama cortar(PASS) DET pacote aberto
A senhora cortou o pacote que, conseqüentemente, ficou aberto

The child wiped the table clean.
DET criança esfregar(PASS) DET mesa limpa
A criança esfregou a mesa até deixa-la limpa

The boy beat his friend unconscious.
DET garoto bater(PASS) POSS amigo inconsciente
O garoto bateu no seu amigo, que conseqüentemente, ficou inconsciente.

The engineer hammered the metal flat
DET engenheiro martelar(PASS) DET metal plano
O engenheiro martelou o metal até deixa-lo plano

Já os estímulos que instanciavam as resultativas agramaticais seguidos de glossas em língua portuguesa e de orações nesta língua semanticamente equivalentes, foram os seguintes:

The student cut the paper small.
DET estudante cortar(PASS) DET papel pequeno
O estudante cortou o papel até deixa-lo pequeno.

The farmer burned the wood dark.
DET fazendeiro queimar(PASS) DET madeira escura
O fazendeiro queimou a madeira até deixa-la escura.

The girl shot the bird wounded.
DET garota atirar(PASS) DET pássaro ferido
A garota atirou no pássaro que, conseqüentemente, ficou ferido

The man painted his room colorful.
DET homem pintar (PASS) POSS quarto colorido
O homem pintou o quarto que, conseqüentemente, ficou colorido

The baker pounded the dough soft.
DET padeiro bater(PASS) a massa macia
O padeiro bater a massa até ela deixa-la macia.

The cook froze the water icy.
DET cozinheiro congelar (PASS) DET água gelada

O cozinheiro congelou a água que, conseqüentemente, ficou gelada

The student tore the box broken.
 DET estudante rasgar(PASS) DET caixa danificada
O estudante rasgou a caixa até danificá-la

The boy shocked his brother scared
 DET garoto chocar(PASS) POSS irmão assustado
O garoto chocou seu irmão que, conseqüentemente, ficou assustado.

A seguir, passaremos à análise dos dados obtidos e à discussão dos resultados observados.

6. Análise e discussão.

Com vistas a uma exploração inicial da hipótese de aprendizibilidade acima discutida, os julgamentos de aceitabilidade para as sentenças resultativas gramaticais e agramaticais, medidos em escala entre 1 e 7, de todos os participantes foram tabulados e aglomerados. Em seguida, os dados foram submetidos a tratamento estatístico inferencial com vistas a verificação de efeitos da gramaticalidade diferencial dos dois tipos de sentença. A Tabela 1 abaixo apresenta as estatísticas descritivas dos dados.

Tipo de sentença	Média de aceitabilidade	Mediana	Desvio padrão
Resultativa gramatical	5,57	6,1	1,6
Resultativa agramatical	4,13	4,0	1,8

Tabela 1: Estatísticas descritivas

As distribuições dos dados coletados foram submetidos a um teste de normalidade, o teste de Shapiro-Wilk. Os resultados para as resultativas gramaticais foram $W=0,811$ ($df=200$), $p<0,001$; e os resultados para as resultativas agramaticais foram $W=0,952$ ($df=200$), $p<0,001$. Portanto, observamos que a amostra obtida não foi representativa da distribuição normal.

Frente a não normalidade das distribuições observadas, realizamos uma análise pareada entre os julgamentos de aceitabilidade eliciados pelas sentenças gramaticais e agramaticais através de um teste não paramétrico de comparação entre tendências centrais, o teste de Wilcoxon. A estatística assim obtida foi $Z=-7,09$, $p<0,001$. Portanto, observamos um efeito significativo do tipo de sentença,

indicando que para os participantes da tarefa de julgamento de aceitabilidade conduzida neste estudo, as sentenças resultativas gramaticais e as sentenças resultativas agramaticais não compunham um único grupo amostral.

Este estudo traz, assim, informações não triviais acerca da aquisição da construção resultativa por falantes bilíngues do par linguístico PB e inglês com alta proficiência. O sintagma adjetival na sequência SN-SV-SN-SAdj em português tem apenas a leitura descritiva enquanto em inglês o mesmo pode ter, além da leitura descritiva, uma leitura resultativa. Dessa forma, como mencionado anteriormente, a teoria de conjuntos e subconjuntos sugere que aprendizes do inglês como L2, falantes nativos do PB estão propensos a aprender a construção resultativa a partir apenas das evidências positivas encontradas com o acúmulo de experiências em L2. O teste de julgamento de aceitabilidade indicou que os bilíngues representam corretamente a construção resultativa, mais especificamente a subconstrução resultativa causativa de propriedade transitiva selecionada, tais como “*the engineer hammered the metal flat*” (o engenheiro martelou o metal plano). Devido a não gramaticalidade de frases tais como a tradução do exemplo anterior, pode-se dizer que a influência das estratégias de processamento de L1 no processamento de L2 não é forte o suficiente para fazer com que os bilíngues com alta proficiência subrepresentem as construções resultativas. Em outras palavras, a transferência linguística não parece ser expressiva o suficiente para impedir que os bilíngues estudados representem corretamente a construção resultativa.

A hipótese de que a relação conjunto e subconjunto entre PB e Inglês facilitaria a aquisição das construções resultativas a ponto de os bilíngues serem capazes de distinguir as instâncias lícitas das instâncias ilícitas da estrutura aqui investigada também foi corroborada pelos resultados. Os bilíngues apresentaram maior aceitabilidade às sentenças cujo predicado resultativo era um adjetivo escalar com ponto final máximo e o verbo da sentença era durativo; e às sentenças cujo predicado resultativo era um adjetivo não escalar e o verbo era pontual. Portanto, os bilíngues não apenas foram capazes de representar as construções resultativas, mas também foram capazes de adquirir certas idiosincrasias da construção, as quais dão maior aceitabilidade a tipos de adjetivos específicos de acordo com o verbo utilizado.

Apesar dos bilíngues terem sido capazes de diferenciar as sentenças lícitas das ilícitas, não é possível afirmar certamente se os bilíngues generalizam ou não as regras de formação da construção resultativa. Tal incerteza se deve ao fato de que embora sejam estatisticamente distintas, a média de aceitabilidade tanto das sentenças lícitas quanto das sentenças ilícitas é maior que 4 e, logo,

indicam aceitabilidade. Portanto, o fato de os bilíngues terem demonstrado serem capazes de distinguir os dois grupos ainda não é suficiente para afirmar se há ou não supergeneralização das regras de L2.

Conclusão.

O estudo ora descrito certamente traz informações relevantes sobre a aquisição tardia de L2. Os resultados do experimento com julgamento de aceitabilidade indicam que, apesar dos problemas impostos por fatores como idade e não dominância de L2, os indivíduos bilíngues são capazes de adquirir aspectos muito específicos de L2, tais como estrutura argumental de construções não presentes na L1 e certas especificidades de seus argumentos. Obviamente, o tema precisa ser mais explorado e outras evidências tanto de estudos offline quanto de estudos online são necessárias. Também reconhecemos as limitações deste estudo que, por exemplo, não pode ter mais participantes em seu grupo experimental. Contudo, também sabemos da importância que este estudo tem devido ao fato de ele ser pioneiro na investigação da aquisição da construção resultativa por bilíngues do par linguístico PB e inglês. Sugerimos que uma retestagem seja feita com dados similares e que outros experimentos sejam criados para trazer informações sobre a aprendizagem da construção resultativa em diferentes estágios e os efeitos envolvidos em tal processo.

Referências

- BRAIDI, Susan. *The Acquisition of Second Language-Syntax*. London: Arnold Publishers, 1999.
- BYALISTOK, Ellen. Consequences of bilingualism for cognitive development. IN: KROLL, J. & DE GROOT, A. (orgs) *Handbook of Bilingualism – Psycholinguistic Approaches*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- COOK, Vivian. The Consequences of Bilingualism for cognitive processing. IN: DE GROOT, A. M. & KROLL, J. (orgs.). *Tutorials in Bilingualism – Psycholinguistic Perspectives*. Manhwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.
- ELLIS, Rod. *The Study of Second Language Acquisition – 2nd Edition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- FERNÁNDEZ, Eva. Processing strategies in second language acquisition: some preliminary results, 217-239. In *The development of second language grammars: a generative approach*, 1999.
- FERNÁNDEZ, Eva. *Bilingual Sentence Processing – Relative Clause attach-*

- ment in English and Spanish. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- GUIMARÃES, Mara. Asymmetry in the Induced Movement Alternation of Verbs of Manner of Motion in English and Brazilian Portuguese, UFMG, 2012.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GROSJEAN, François. *Studying Bilinguals*. New York: Oxford University Press, 2008.
- JACKENDOFF, Ray.; GOLDBERG Adele. The English Resultative as a family of constructions. *Language* 80. p. 523-567, 2004.
- JUFFS, Alan. Some effects of first language argument structure and morpho-syntax on second language sentence processing. *Second Language Research*. Vol 14 no. 4, 1998.
- LOBATO, Lúcia. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: *Sentido e Significação*. Negri, Lígia, Maria José Foltran, Roberta Pires de Oliveira (organizadoras). São Paulo. Editora Contexto, p. 142-179, 2004.
- MYERS-SCOTTON, Carol. *Multiple Voices – An Introduction to Bilingualism*. Malden: Blackwell Publishing, 2006.
- NATION, Paul. *Teaching and Learning Vocabulary*. Boston, MA: Heinle & Heinle, 1990.
- PAVLENKO, Aneta.; JARVIS, Scott. Bidirectional transfer. *Applied Linguistics*. 23.2, 190-214, 2002.
- PYLKKÄNNEN, Liina.; McELREE, Brian. The syntax-semantics interface: On-line composition of sentence meaning. In: TRAXLER, M; GRENS-BACHER, M. (orgs.). *The Handbook of Psycholinguistics – 2nd Edition*. London/Burlington, MA: Academic Press, 2006.
- SEBASTIAN, Rajani; LAIRD, Angela.; KIRAN, Swathi. Meta-analysis of the neural representation of L1 and L2. *Applied Psycholinguistics*. Vol. 32, no. 4, p. 799-819, 2011
- SELINKER, L.; “Interlanguage”. *International Review of Applied Linguistics*, 1972.
- SOUZA, Ricardo; MELLO, Heliana. R. Realização argumental na língua do aprendiz de línguas estrangeiras – possibilidades de exploração da interface entre semântica e sintaxe. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL*. V. 5, n. 8, 2007.
- SOUZA, Ricardo. Argument structure in L2 acquisition: Language transfer revisited in a semantics and syntax Perspective. *Ilha do Desterro – A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*. No. 60,

2011. p. 153-188, 2011.
- SOUZA, Ricardo. Déficit representacional entre falantes de L2? Uma reflexão em torno de dois modelos da arquitetura global da gramática. *Signótica*. Vol. 22, no. 2, p. 427-448, 2010.
- SORACE, Antonella. Using Magnitude Estimation in developmental linguistics. IN: BLOM, Elma; UNSWORTH, Sharon (orgs.). *Experimental Methods in Language Acquisition Research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 57-72, 2010
- ZARA, Julia. Estudo da Expressão de Eventos de Transferência de Posse na Interlíngua de Brasileiros Aprendizes de Inglês. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2009.
- WECHSLER, Stephen. An analysis of English resultatives under the event-argument homomorphism model of telicity. Proceedings of the 3rd Workshop on Text Structure. University of Texas at Austin, 2001.
- WHITE, Lydia. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.